
HISTÓRIA ORAL E AS TÉCNICAS DE TRAJETÓRIAS DE VIDA E DE HISTÓRIA DE VIDA

Hosana Suelen Justino Rodrigues (PPGCS-UFCG)
suelenhosana@gmail.com

*Nosso objeto fala, e essa palavra faz sentido,
Inclusive na falta do sentido que o sociólogo
bem lhe pretendia conferir. (Bourdieu)*

História Oral

História oral é um procedimento de recolhimento de narrativas através do contato direto, por meios de gravações eletrônicas em fitas, fotos ou vídeo. Destinada a recolher testemunhos e depoimentos, que este serão transcritos mediante a existência de um projeto, com o objetivo da produção de documentos. Que serão utilizados em estudos culturais e de identidade permitindo a análise da sociedade.

A História oral é bastante utilizada para o estudo do tempo presente e com relação ao passado recente. Os documentos que serão resultados da transcrição das entrevistas possuem uma riquíssima interpretação. Existem autores que afirmam que não se devem interpretar as falas dos agentes e sim deixar que elas falem por si próprias.

Como um método, ela ultrapassa os procedimentos de uma entrevista. No interagir do pesquisador com aquele que conta a sua história existe um sistema específico de comunicação. Como por exemplo, os detalhes que estão nas entrelinhas do olhar, dos gestos, dos silêncios, das posturas, nas dissimulações para evitar uma verdade. Tudo isto deve ser percebido com um olhar treinado do pesquisador.

O grande desafio da História oral é praticá-la com o máximo de reflexão sociológica e um mínimo de procedimentos técnicos. Sendo capaz de transformar o roteiro do questionário apto para cada informante. Para então captar os detalhes e os sentidos a fim de produzir uma mostra de análise com qualidade e coerência entre todos os participantes da pesquisa. A história oral usa as narrativas dos atores sociais para resgatar com profundidade as histórias de vida ou as trajetórias dos indivíduos que lhe sejam pertinentes para o seu objeto.

Essa mais nova forma metodológica muitas vezes é uma maneira de incluir socialmente certos grupos sociais, ou ainda de reavaliar certas construções sociais edificadas por determinados grupos. A história oral preferencialmente tem dado espaço para as pessoas que não possuem voz coletiva, como mulheres, operários e minorias. (Françóis, 2007)

A história oral pode ser vista como um exercício democrático, por permitir que os seus narradores construam a história livremente, sob um ângulo que eles próprios queiram dar. Em virtude desta característica, é que ela foi perseguida no Brasil e em outros países onde houve o predomínio de regimes de força. Ela ainda recebe críticas que enfatizam que a história oral é nostálgica e saudosista. Meihy (2002) contrargumenta de que como a história oral é feita pode ser tratada como nostálgica por constituir uma visão do passado por onde se pode analisar o presente. A narrativa como todas as outras é uma seleção de fatos e impressões. “*A história oral se apresenta como forma de captação de experiências de pessoas dispostas a falar sobre aspectos de sua vida. Quanto mais elas os contarem a seu modo, mais eficiente será o seu depoimento.*” (MEIHY, 2002:50) por isso, é que a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si.

A partir de sua criação nos anos 50 a História oral passou por um longo processo de problematização para que chegasse a ser aceita e utilizada como um método. No Brasil em 1975 houve um curso de treinamento na intenção de formar pesquisadores de várias regiões para atuar com a História oral em seus estados. Nos anos 80 identificou os primeiros programas voltados especialmente para os estudos das memórias. Porém, até os anos 90 ainda se concentrava muitas críticas em torno dela. Em que se argumentava que o relato individual era uma forma de se ver o mundo e que por isto não poderia ser generalizada a grupos inteiros.

Fontes orais e oralidade

Deve-se ter em mente a diferença entre oralidade e fontes orais. A primeira não é gravada com fins científicos, sendo constituída de expressões de oralidade, ou seja, ela compreende as manifestações das articulações orais. Meihy adverte que: “*discursos de pessoas que escreveram para ler em público, falas improvisadas para marcar*

determinados eventos, declamações de poemas ou leituras e representação de peças teatrais, orações explicitadas a viva voz, declamações e outras atitudes dessa espécie não constituem em história oral e sim em Expressão da oralidade em sentido amplo.” (MEIHY, 2002:16).

Fontes orais ao contrário da oralidade são gravadas propositalmente para servirem como fontes. Elas são manifestações da expressão humana, que são armazenadas dentro de determinados projetos, para a utilização em estudos diversos. Neste caso são fontes orais os registros sonoros para pesquisas como: romarias, folclores, teatros, músicas, rituais, etc.

Estas fontes depois de armazenadas são transformadas em documentação oral, ou seja, é decomposto em um recurso que mantém os traços das declarações da oralidade. (MEIHY, 2002). A História oral acontece com o sem a presença de documentos ou versões históricas. Ela pode assumir um caráter de constituir outra variante sobre os fatos desenvolvidos através da concepção de pessoas, ou por outro lado, constituir a documentação a partir depoimentos de novas fontes orais.

Memória

A memória representa um papel importante para a História oral, o de suporte. Mas ela não é a própria história. A narrativa primeiramente nasce na memória e se lança para a imaginação, para se projetar na voz.

“O passado contido na memória é dinâmico como a própria memória individual ou grupal. Enquanto a narrativa da memória não se consubstancia em um documento escrito, ela é mutável e sofre variações que vão da ênfase e da entonação a silêncios e disfarces.” (MEIHY, 2002:52).

A memória coletiva é construída pela força dos fatores externos que marcam a identidade de um grupo. Ela sempre caracteriza determinado grupo, cabe contudo ao pesquisador identificar cuidadosamente a mesma, para que não caia no erro de generalizações. A memória coletiva ou cultural é mais restrita, estando dentro da memória social.

A memória individual só tem sentido no conjunto das demais memórias. Ela não existe como um fenômeno autônomo, por isso, justifica-se que toda memória tem

índices sociais que a justificam. Em virtude disso a memória do indivíduo é utilizada como uma versão do passado. (MEIHY, 2002).

Existe uma relação intrínseca com a memória e o esquecimento. Segundo alguns psicólogos, o que fica esquecido são os fatos que não damos importância. Ainda tem o esquecimento forçado, estes ocorrem no caso de fatos desagradáveis onde os indivíduos procuram esquecer. Considerando isto, o pesquisador através da História oral deve desvendar este passado reprimido e suas consequências para o indivíduo.

Os documentos, fotos e vídeos concretizam aquilo que faz parte de um registro maior de memórias que são trazidas a tona pela lembrança, além de concretizar estes fatos ocorridos que podiam se diluir na incerteza das lembranças. As memórias, porém, são mais ricas em detalhes do que estes instantes registrados. (Menezes & Cunha: 2004)

Porque trabalhar com a história oral

Ela é um método interdisciplinar que através das narrativas dos indivíduos propõe uma variedade de objetos de pesquisa que podem ser trabalhados nas mais variadas perspectivas das disciplinas humanas. Permitindo ir além dos dados expressos dentro de um universo estatístico.

Por mais íntimos e pessoais que pareçam, os diários, correspondências, e relatos dão acesso a uma prática que também é social. O relato da História de uma vida, não é apenas referente aquela vida, ela relata as estruturas de vida social presentes na sociedade. Por mais que estes indivíduos não falem através de categorias sociais, é o enlace com as teorias sociológicas que permitem interpretar as categorias sociais que o indivíduo está acessando nas suas memórias.

O indivíduo não vive fora do contexto de mudanças sócio-históricas da vida social. Por mais que ele não as compreenda, isto faz parte dos conjuntos das memórias dele. Segundo François (2005) Através do relato as pessoas ativam as memórias e revelam a importância dos impactos culturais e sociais, relacionando na ação cronológica de suas lembranças o entrelaçamento de sua vida íntima impactada pelas mudanças sócio-históricas.

Com o contato do pesquisado com o observado, as narrativas ativam os valores, crenças, opressões e fatos que marcaram a subjetividade dos sujeitos. Ela propõe

grandes condições para encontrar informações determinantes que se encontram reprimidas. Através do que está “reprimido”, ela exprime o “inexprimível”. (François, 2005)

Os discursos individuais estão longe de ser uma visão de um indivíduo particular sobre o seu contexto social. “*O discurso do ator social tem uma lógica própria e estrutura-se como linguagem. Podendo permitir a compreensão de fenômenos sociais que escapam a observação fria e distante do observador.*” (Gonçalves e Lisboa, 2007)

Trajetórias de vida

As trajetórias podem ser de vários tipos, sempre agrupadas a um determinado aspecto da vida do indivíduo. Por exemplo, a trajetória do casamento, da vida religião, da conquista profissional, entre outros. Elas são parte de uma História de vida de um indivíduo ou instituição. As trajetórias sociais de cada indivíduo trazem os processos de construção, desconstrução, continuidades e deslocamentos das estruturas sociais. (Gonçalves e Lopes)

Dausem, 1996 (apud Gonçalves e Lisboa, 2007) afirma que ela é cientificamente chamada de transcurso, pois analisa mudanças sociais, passagens de status, datas importantes, períodos, acontecimentos, entre outros. Neste enfoque, ela é considerada uma instituição social, um sistema de regras que conduz as relações do indivíduo com a modernidade.

As narrativas de suas trajetórias surgem às representações que os indivíduos e grupos fazem de si mesmos que varia conforme crenças, valores, referenciais culturais que vivenciam.

Como realizar a pesquisa com a História oral

Independente da técnica escolhida seja de História de vida ou de Trajetória de vida, é importante uma preparação teórica e metodológica para a pesquisa. As técnicas devem se apoiar em fundamentos epistemológicos, ou seja, orientando-se através de pressupostos teóricos e metodológicos que delimitam o entendimento sobre o uso dos procedimentos.

A teoria é uma bússola que permitira guiar toda a pesquisa. É o respaldo teórico que permitira transformar as narrativas do senso comum num conhecimento científico. Os relatos não são feitos com as categorias sociológicas prontas, isto é o pesquisador que deverá identificá-las.

Além da prévia reflexão teórica, é importante segundo Gonçalves e Lisboa (2007) marcar a entrevista antecipadamente, escolhendo bem o local e solicitar a permissão para gravar. As transcrições devem ser fidedignas, ou seja, devem-se descrever todos os silêncios, suspiros, erros gramaticais, choros e emoções. Eles também sugerem entregar uma primeira versão das entrevistas aos sujeitos para que eles verifiquem o que eles disseram se correspondem realmente as suas idéias.

Os passos da pesquisa qualitativa devem ser: a escolha do objeto de pesquisa, a formulação de um objeto de pesquisa, a preparação para o campo através de reflexões teóricas e metodológicas, a escolha do critério de qualitativo de saturação ou de diversificação para a coleta de dados, coleta e transcrição dos dados, a análise, interpretação e síntese destas narrativas a luz das categorias e teorias sociológicas.

Encaramos, portanto a história oral como um método que permite conhecer as versões diferentes sobre um mesmo acontecimento ou tempo. E, além disso, ela não se define apenas como um instrumento de obtenção de dados. Esta consegue por meio das interações sociais no momento da entrevista, captar as diferenças da percepção relativa às diferenças de gênero e a identidade, trazidas pela memória. (MENEZES, 2005)

Considerações finais

A história de vida como uma técnica da História oral consegue visualizar as experiências da vida social através de um espelho, que é interpretado com o auxílio das teorias sociais. Os relatos fornecem sínteses das estruturas sociais, que através das memórias fornecerem dados para perceber as mudanças sociais. (houle,)

Para que as histórias relatadas alcancem o nível de científico, é preciso além da reflexão teórica e metodológica, manter a distância científica sobre os fatores que se contrapõe a objetividade científica.

O método da História oral é importante por trabalhar com as fontes orais, as quais estas extrapolam os sentidos e significados que pretendem explicar conscientemente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HOULE, Gilles. A sociologia como ciência da vida: a abordagem biográfica. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: VOZES, 2008.
- GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kléba. **Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetória de vida**. Rev. Katál. Florianópolis. V.10 n.esp.p.83-92: 2007
- FRANCOIS, Etienne. A fecundidade da História. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes.(coord.). **Usos e abusos da História oral**. Rio de Janeiro: editora FGV,2005.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **Desafios e dilemas da História oral nos anos 90: o caso do Brasil**. Revista da associação Brasileira de história oral. no 1, junho/1998, p.19-30
- HAGUETTE, Teresa M. Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000
- CHIZZOTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo:Ed. Cortez,1998
- SILVA, M A. M. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: DEMATINI, Z. B. F.; TRUZZI, O. (Orgs.). **Estudos migratórios. Perspectivas metodológicas**. São Paulo: Edufscar, 2005, p.53-86.
- SILVA, M.A.M. e MENEZES, M.A.M. **Migrantes temporários: fim dos narradores**. NEHO- História. Revista do Núcleo de Estudos em História Oral. No.1, novembro 1999
- SILVA, M.A.M. **Destinos e trajetórias de camponeses migrantes**. Anais VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais,Vol. 3. ABEP, pp.161-77, 1992